

al-madama

ARQUEOLOGIA • PATRIMÓNIO • HISTÓRIA LOCAL

ESPECIAL Pág. 63

A ARQUEOLOGIA E O MAR

ARQUEOLOGIA DE SETÚBAL Pág. 23

ARQUEOLOGIA E MUSEOLOGIA Pág. 58

IMAGENS DA CHINA Pág. 141

Pág. 53

**PARA QUE CONSERVAR E COMO APRESENTAR
OS VESTÍGIOS DO PASSADO**

Arqueologia da Região Meridional da Península de Setúbal

breve síntese baseada
nos principais testemunhos arqueológicos

por João Luís Cardoso

Academia Portuguesa da História. Professor da Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio do Centro de Arqueologia de Almada.

1. Introdução

A região que, de Setúbal e Tróia se estende para Oeste, até à extremidade ocidental da Arrábida e, do seu litoral meridional para Norte, até à lagoa de Albufeira, é particularmente rica em vestígios arqueológicos. Desde os trabalhos de Carlos RIBEIRO (1871) que ali se encontram registados materiais então considerados como paleolíticos e outros, de época calcolítica, visto caber àquele ilustre arqueólogo a primazia da descoberta do povoado da Rotura (GONÇALVES 1971) e da exploração dos notáveis hipogeus da Quinta do Anjo, objecto de publicação sumária por outro arqueólogo pioneiro, A. I. Marques da Costa, que se ocupou ainda do estudo do povoado de Chibanes, por ele identificado; entre outras estações arqueológicas, também se debruçou sobre a presença romana em Tróia.

A tais trabalhos pioneiros sucederam-se prospecções sistemáticas, efectuadas ao longo do litoral actual, por H. Breuil e G. Zbyszewski, no início da década de 1940, as quais vieram demonstrar a verdadeira dimensão da ocupação paleolítica e epipaleolítica da região, completada no concernente ao litoral meridional da Arrábida, pelas colheitas de E. da Cunha Serrão e colaboradores, efectuadas nos fi-

nais da década de 60 e inícios da seguinte. Deve-se àquele investigador uma das primeiras cartas arqueológicas regionais publicadas no país, relativas ao concelho de Sesimbra (1973), embora antecedida pelo levantamento arqueológico pioneiro, levado a cabo por A. I. Marques da Costa, para a região mais oriental do maciço da Arrábida (1907).

Na década de 1960, despontaram outros investigadores, com destaque para V. S. Gonçalves e C. Tavares da Silva, que se ocuparam, de forma independente, de trabalhos arqueológicos no povoado da Rotura. Tais estudos foram prosseguidos pelo segundo, até à actualidade, no âmbito das actividades do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal e do Parque Natural da Arrábida, interessando estações de época neolítica, calcolítica, das Idades do Bronze e do Ferro, da época romana, medieval islâmica e portuguesa, constituindo notável repositório de informações arqueológicas, com destaque para as que se têm vindo a obter na própria área urbana de Setúbal. Como corolário das investigações referidas, efectuadas até meados da década de 1980, publicou-se monografia de índole regional, a *Arqueologia da Arrábida*, obra de síntese e de carácter inovador no seu género, da autoria daquele arqueólogo e de J. SOARES

abstract

Brief synthesis of the archaeological remains found in the meridional area of the Setúbal Peninsula.

The author introduces information from recent discoveries and presents a new approach to facts already known. In this summary, archaeological remains from the Paleolithic to the Early Medieval Age are analysed.

résumé

Brève synthèse des vestiges archéologiques connus dans la zone méridionale de la Péninsule de Setúbal. L'auteur intègre des informations provenant de récentes découvertes et présente une nouvelle lecture de réalités matérielles connues depuis longtemps.

Dans cette synthèse sommaire, on présente les témoignages archéologiques les plus singuliers du Paléolithique inférieur jusqu'approximativement au Bas Moyen Age.

(1986). Tal estudo documenta o interesse e riqueza arqueológica da região em apreço, a qual foi objecto, mais recentemente, de levantamento sistemático, integrado na inventariação do património arqueológico do Distrito de Setúbal, promovido pela respectiva Associação de Municípios (1993).

Porém, a caracterização e valorização do significado arqueológico das ocorrências até ao presente conhecidas carecia de tratamento actualizado, justificado por descobertas efectuadas nos últimos doze anos e por novas leituras de realidades materiais de há muito conhecidas. Por isso nos abalançamos à preparação deste trabalho, no seguimento imediato daquele que, em 1985, foi fornecido aos participantes da 1ª. Reunião do Quaternário Ibérico, reunido em Setembro daquele ano em Lisboa. Trata-se, pois, de síntese sumária, com a qual se pretendeu fazer tão-só um ponto da situação dos conhecimentos respeitantes à rica e diversificada realidade arqueológica da região meridional da península de Setúbal. Nella serão tratados e discutidos, de forma sintética, os testemunhos arqueológicos considerados mais relevantes que, do Pré-acheulense aos alvares da Baixa Idade Média foram, até ao presente, estudados e publicados.

bre o calcário jurássico entre Cezimbra e o Cabo de Espichel". Da observação das representações apresentadas pelo autor, não se evidenciam quaisquer traços de intencionalidade no seu talhe. Desta forma, embora cabendo, inquestionavelmente, a C. Ribeiro, as primeiras referências a indústrias paleolíticas e aos hipotéticos depósitos de onde proviriam, aquelas baseavam-se em elementos erróneos, que só mais tarde viriam a ser esclarecidos.

Data também dessa altura o levantamento, em belas litografias, de vistas da costa portuguesa (RIBEIRO 1949). O trecho do litoral a Este do cabo Espichel e até à Pedra do Frade, a Oeste de Sesimbra, corresponde às estampas XII e XIII daquela monografia; nelas se evidencia, na zona onde se ergue o forte da Baralha, a rechã da praia de 5-8 m e, embora menos marcada, a correspondente à da praia de 12-15 m (fig. 1). Com efeito, mercê da natureza calcária do litoral meridional da Arrábida, suficientemente branda para ser modelada pela acção mecânica do mar, mas tenaz ao ponto de ainda conservar as marcas evidentes daquelas acções, este trecho litoral afigura-se como o mais expressivo da costa portuguesa, no respeitante ao escalonamento de sucessivas rechãs, a altitudes decrescentes, entalhadas pelo mar no decurso do Plistocénico. A natureza química de tais rochas propiciou, por outro lado, a conservação de conchas ou ossos de vertebrados, situação igualmente ímpar no que ao território português diz respeito.

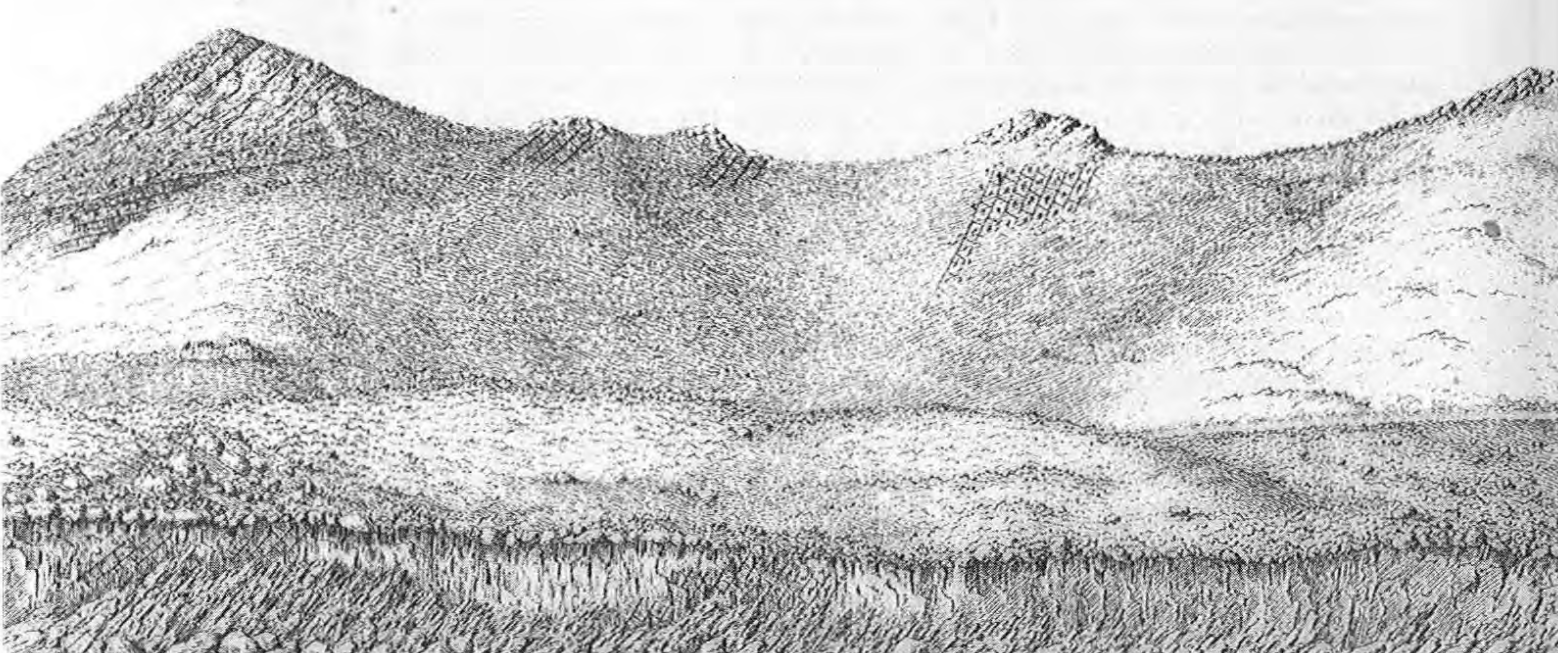
Foi também C. RIBEIRO (1867) quem, pela primeira vez, chamou a atenção para as ocorrências de conchas fossilizadas ao longo de tais rechãs, por vezes constituindo verdadeiras lumachelas, no âmbito do estudo das linhas de costa antigas, de que foi pio-

Figura 1

Trecho do litoral da Arrábida a Oeste de Sesimbra, visto do mar. Litografia executada sob direcção de Carlos RIBEIRO (1949, obra póstuma). Observa-se, à esquerda, a rechã dos Navegantes, evidenciando-se, ao centro e à direita, o nível de praia de 5-8 m, subjacente ao forte da Baralha.

2. O Paleolítico Inferior e Médio

As primeiras referências a depósitos plistocénicos e a indústrias líticas correlativas na área que interessa a este estudo, devem-se a Carlos Ribeiro (RIBEIRO 1871: 29 e 30), que descreve dois exemplares de quartzito supostamente talhados, "encontrados num retalho de camadas pliocenes, que assenta so-



Navegantes

Baralha

neiro em Portugal. A importância destas descobertas motivou o interesse de P. Choffat, que promoveu colheitas em cada um dos níveis marinhosossilíferos anteriormente assinalados. Os locais onde se obteve amostragem foram os seguintes (CHOFFAT e DOLLFUS 1904-1907):

- a 200 m a SW do Forte da Baralha, a 6 m acima do nível do mar. As conchas, abundantes, constituem lumachela, apresentando-se frequentemente inteiras;
- a 150 m a NW do forte da Baralha e à altitude de 62 m. As conchas, muito mais raras, encontravam-se em pior estado de conservação;
- a 70 m de altitude recolheram-se restos de conchas de tal forma partidas e roladas que impossibilitaram determinação, mesmo genérica.

As espécies identificadas por Dollfus e Choffat distribuem-se pelos diversos níveis de rechãs, conforme o sintetizado no **Quadro I**.

Segundo as informações ecológicas fornecidas pelas espécies identificadas, Choffat e Dollfus concluíram que as condições climáticas que presidiram à formação do nível de cerca de 60 m eram idênticas às actualmente existentes no litoral da Mancha, tendo em conta a presença de *Donax vittatus* e de *Mactra solida*, cujas águas são de características temperadas frias. Tal conclusão foi contrariada por J. Bourcart (in ZBYSZEWSKI 1943), salientando que as duas espécies ocorrem nos arenitos de Rabat, bem como no litoral actual do Algarve. Para ZBYSZEWSKI (1957: 118), *D. vittatus* poderia indicar meio marinho semelhante ao do litoral setentrional do país.

A associação encontrada no nível imediatamente inferior (15 m) denunciaria condições um pouco mais quentes, do tipo atlântico temperado, com *Mytilus galloprovincialis* e *Patella coerulea*.

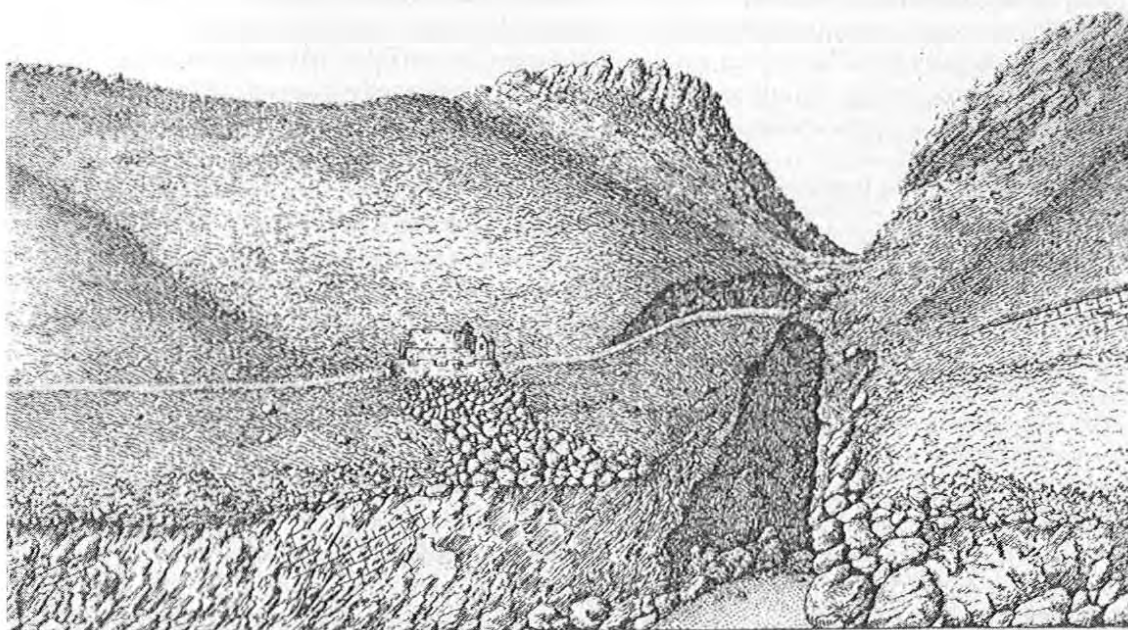
Quadro I · Forte da Baralha

distribuição das espécies identificadas nos diversos depósitos plistocénicos

espécies identificadas	altitudes		
	6 m	15 m	60 m
1 <i>Solen marginatus</i> PENNANT	+		
2 <i>Mactra subtruncata</i> var. <i>triangula</i> RENIER			+
3 <i>Mactra solida</i> L.		+	+
4 <i>Donax vittatus</i> var. <i>atlantica</i> HIDALGO			+
5 <i>Tapes pullastra</i> MONTAGU	+		
6 <i>Venus gallina</i> var. <i>striatula</i> DA COSTA	+		
7 <i>Cardium echinatum</i> L.	+	+?	+
8 <i>Cardium edule</i> var. <i>umbonata</i> WOOD	+	+	
9 <i>Cardium norvegicum</i> var. <i>ponderosa</i> B. D. D.	+	+	
10 <i>Pectunculus bimaculatus</i> POLI	+?		
11 <i>Pecten maximus</i> L.	+		+
12 <i>Mytilus galloprovincialis</i> LAMARCK		+	
13 <i>Mytilus edulis</i> L., var. <i>div.</i>	+	+	+
14 <i>Patella vulgata</i> L.	+	+	
15 <i>Patella safiensis</i> LK.	+		
16 <i>Patella coerulea</i> var. <i>subplana</i> POTIER e MICHAUD	+	+	
17 <i>Echinus miliaris</i> KL.	+		
18 <i>Strongylocentrotus lividus</i> LK.	+	+	
19 <i>Pollicipes cornucopia</i> GML.		+	

↑ Quadro I

Distribuição das espécies identificadas nos diversos depósitos plistocénicos, a altitudes diferentes, na zona do forte da Baralha (DOLLFUS e CHOFFAT, 1904-1907).



F^o das Baralhas. Baleeira

Enfim, a associação faunística mais moderna, correspondente ao nível de 6 m, também a mais abundante, revelaria características temperadas quentes, de que o elemento mais expressivo é *Patella safiana*.

À referida lista, ZBYSZEWSKI (1957) acrescenta *Purpura haemastoma* e *Murex erinaceus*, sobre a praia de 15 m. O mesmo autor (ZBYSZEWSKI 1943) precisa as observações anteriores; assim, na zona do forte da Baralha, assinala os seguintes níveis:

- entre 4 e 6 m de altitude, um primeiro nível, muito erodido;
- entre 8 e 12 m de altitude, um segundo nível, constituindo corredor marcado pela presença de um belo cordão de seixos cimentados, associados a numerosas conchas e restos de ouriços;
- uma plataforma desenvolvida, a 20-25 m de altitude, que forneceu pequeno conjunto lítico atribuível ao Paleolítico Médio;
- um nível superior, a 62 m de altitude, já assinalado por Dollfus e Choffat.

O principal elemento desta nova contribuição é o de referir, pela primeira vez, a existência de uma plataforma a 20-25 m de altitude, atribuída ao Tirreniano, com materiais paleolíticos.

O conjunto sedimentar mais moderno, estaria representado por brecha calcária avermelhada, contendo lascas de quartzo e de quartzito, do Paleolítico Médio, assente no nível conglomerático de 5-8 m (ZBYSZEWSKI, 1943, p. 61; 1957, p. 177). Este depósito tem extenso desenvolvimento lateral, aparecendo recorrentemente em diversas rechãs e grutas que pontuam o litoral, relacionadas com aquele nível marinho: a sua extraordinária constância ao longo da costa ocidental portuguesa foi salientada por ZBYSZEWSKI e TEIXEIRA (1949: 3).

Na região em apreço, aquele nível foi identificado na lapa de Santa Margarida (BREUIL e ZBYSZEWSKI 1945), bem como na vizinha gruta da Figueira Brava (Antunes e Cardoso, in ANTUNES 1990-1991; CARDOSO 1993a; CARDOSO e RAPOSO 1995).

Nesta última cavidade, a sucessão observada foi a seguinte, de cima para baixo:

- C 6: camada estalagmítica, constituída por leitões sobrepostos, englobando materiais romanos e restos de fauna doméstica (ovelha); 0,15 m;
- C 5: areias pouco consolidadas, avermelhadas, localmente mais endurecidas pela precipitação de carbonatos; exame mais pormenorizado permite diferenciar, de cima para baixo:
 - areias soltas, correspondendo a remeximentos com materiais modernos, sobretudo ossos de aves marinhas;
 - depósito pouco remexido, com abundante fauna pliocénica, indústrias líticas e raros fragmentos de ânforas romanas. A sua formação corresponde à deposição de finos leitões, essencialmente arenosos. Em boa parte, trata-se de areias eólicas, acumuladas de encontro à parede do fundo da gruta, então exposta; 0,80 m;
- C 4: camada mais endurecida, amarelo-acinzentada, com fauna escassa, materiais líticos e restos carbonosos; 0,25 m;
- C 3: leito escuro, carbonoso, de alguns centímetros de espessura, correspondente à acumulação de restos provenientes de lareiras existentes em outros locais do interior da gruta;
- C 2: conglomerado de grandes seixos calcários e dolomíticos, por vezes muito alterados, assente no substrato miocénico; 0,20 m.
- C 1: substrato miocénico, constituído por calcarenitos grosseiros.

No conjunto, a sucessão descrita não ultrapassa 1 m de potência.

Uma datação pelo radiocarbono, feita sobre conchas da C 2, deu o seguinte resultado (ANTUNES *et al.* 1989):

ICEN 387 — 30 930 ± 700 BP.

Além de abundante indústria lítica, recolheu-se nesta gruta importante conjunto faunístico. Deste, apenas os grandes mamíferos foram, até ao presente, objecto de estudo completo (CARDOSO 1993a). As espécies mais abundantes, em 344 restos identificados, são as seguintes: *Cervus elaphus*: 34 %; *Capra pyrenaica*: 22%; *Bos primigenius*: 22 %.

Este espectro faunístico indica condições climáticas globalmente temperadas e a existência de manchas florestais dispersas na planície que então se desenvolvia ao longo do litoral actual, correspondente à área da embocadura do Sado, estimada a cerca de 60 m abaixo do nível do mar actual (ANTUNES 1990-91: 529). Por outro lado, a cabra-montês indica biótipo de maior altitude, substrato rochoso acidentado e clima mais frio, condições verificadas então na serra da Arrábida. Evidencia-se, pois, a exploração pelo Homem paleolítico que se abrigou na Figueira Brava, de biótipos bem diferenciados, como é indicado por outros achados de materiais líticos em plena serra (ANTUNES *et al.* 1992). Enfim, também a linha de costa de então seria intensamente explorada, como indica a abundante fauna malacológica recolhida e de onde se encontra totalmente ausente *Patella safiana*, presente anteriormente na região, no nível de 5-8 m do forte da Baralha, espécie que não ultrapassa actualmente a costa atlântica marroquina.

A presença de alguns restos de grandes predadores, como *Panthera (Leo) spelaea*, *Panthera pardus* e, sobretudo, *Crocota crocota spelaea*, mostra que a ocupação desta gruta pelo Homem paleolítico era descontínua. Neste contexto, o achado de restos atribuíveis a Neandertais, na C 2 (ANTUNES 1990-91: 488; ANTUNES e CUNHA 1992: 681) poderá ter várias explicações, a começar pela de corresponderem a sepultura(s) existentes em outras salas ainda não exploradas mas cuja existência é segura. Seja como for, a presença humana é nítida, consubstanciada pela existência de cerca de 2500 artefactos, cujo estudo revelou indústria de características homogéneas, integrando-se claramente nos conjuntos do Paleolítico Médio portugueses (CARDOSO e RAPOSO 1995). Encontra-se presente o talhe *levallois* e, nos utensílios, predominam os raspadores — especialmente os simples convexos — seguidos dos denticulados e dos entalhes (fig. 2). Foi comprovada a existência de utensílios alóctones de rochas siliciosas finas, facto reforçado pela desproporção de relação núcleos/utensílios observada entre o quartzo, objecto de talhe no local e aquelas matérias-primas.

Outra cavidade do litoral meridional da Arrábida é a lapa de Santa Margarida, debruçada sobre o mar,

a qual conserva também vestígios de enchimento pliocénico, cuja estratigrafia é a seguinte (BREUIL e ZBYSZEWSKI 1945), de cima para baixo:

- C 4: areias móveis;
- C 3: brecha ossífera acinzentada, com indústrias de quartzo incaracterísticas;
- C 2: brecha ossífera de matriz greso-calcária avermelhada, com indústrias de quartzo mustieróides;
- C 1: conglomerado "grimaldiano", com elementos calcários, atingido pela maré alta, com artefactos paleolíticos entre os quais um grande biface acheulense rolado.

A sucessão descrita assenta no substrato miocénico, constituído por calcarenito de grão médio a grosseiro. Trata-se de sucessão estreitamente correlacionável com a observada na gruta da Figueira Brava, situada apenas a 100 m para Este.

A idade do nível conglomerático marinho sobre o qual assenta o depósito arqueológico de ambas as grutas será anterior a 30 000 BP, correspondente à datação obtida na Figueira Brava.

Pouco se sabe acerca da correlação dos níveis altimétricos das diversas praias levantadas com a escala dos tempos quaternários, o que inviabiliza a atribuição de idades aos depósitos mais antigos, facto dificultado pela admissibilidade de tectónica quaternária na região. DAVEAU e AZEVEDO (1980-81) dedicaram estudo geomorfológico à extremidade sudoeste da Arrábida. Segundo as autoras, a aplanção somital, correspondente a uma superfície de abrasão marinha pliocénica, extensa e bem conservada — a plataforma do cabo Espichel — "*bela plataforma de abrasão, que rasoiu todo o relevo até à base do Risco e do Formosinho*" (RIBEIRO 1968: 265) — encontra-se suavemente inclinada desde Picoto (239 m) até à extremidade ocidental, limitada por escarpa vertical de cerca de 130 m. Esta superfície, basculada para Norte e localmente retocada pelo rejogo tectónico, data, segundo ZBYSZEWSKI (1940), do Pliocénico Superior. O IV e último nível da sucessão de rechãs definidas pelas autoras encontra-se representado, na encosta meridional da Arrábida, pela plataforma dos Navegantes e outras idênticas, entre 40 e 50 m de altitude: "*ter-se-iam desenvolvido posteriormente à fase de deformação tectónica responsável pelo balançamento da plataforma do Cabo e das rechãs altas*". Abaixo do nível referido, menciona-se naquele estudo outras pequenas rechãs, como a do Forte do Cavalo, a Oeste de Sesimbra, as quais, por maioria de razão, se apresentam isentas de acções tectónicas. Com efeito, a continuidade dos dois níveis principais observados, a 12-15 m e a 5-8 m sugere estabilidade tectónica na região, no decurso dos últimos 100 000 anos, bem como, de um modo mais

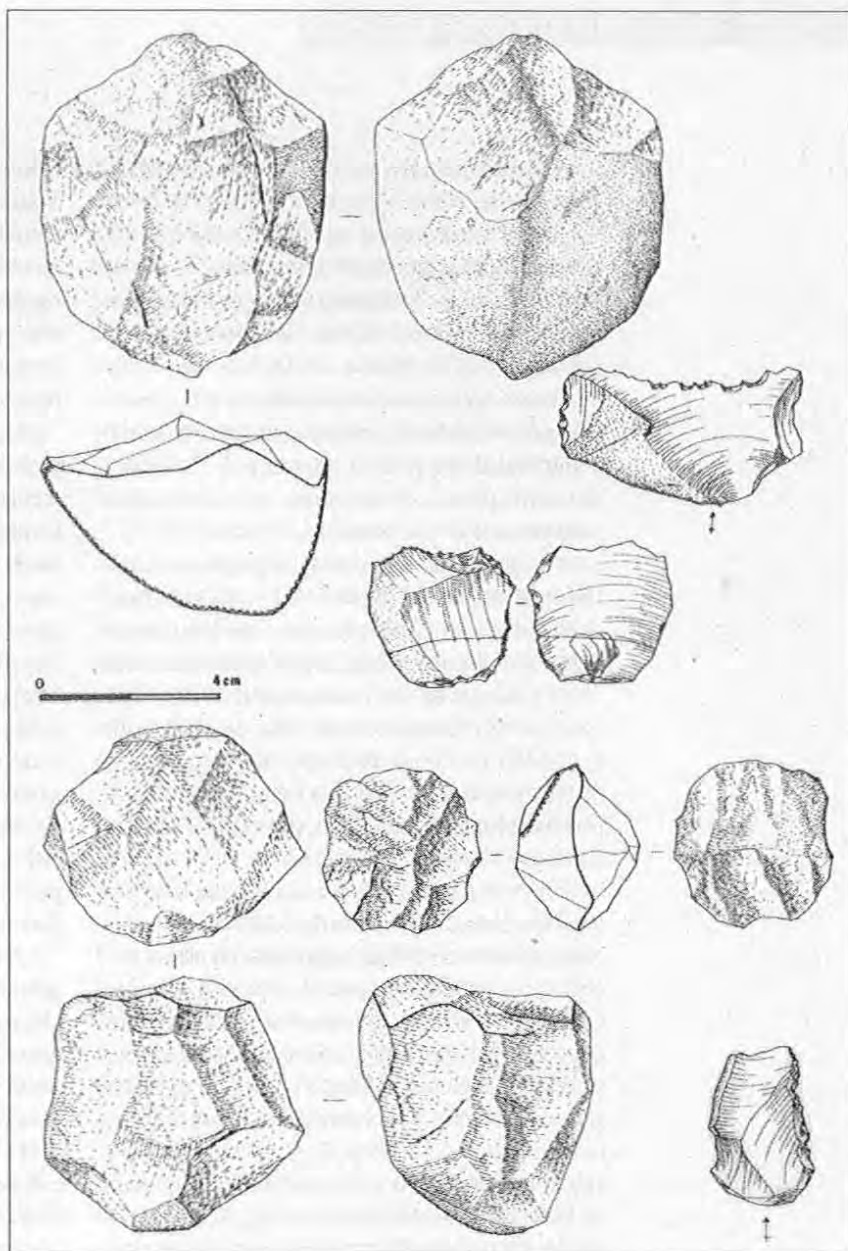


Figura 2

Indústrias do Paleolítico médio da Gruta da Figueira Brava (Setúbal). Núcleos de raspadores diversos (RAPOSO e CARDOSO, em preparação)

geral, do litoral ocidental, onde o último se pode observar com evidente constância (TEIXEIRA e ZBYSZEWSKI 1949).

Tais retalhos de antigas linhas de costa constituíam, para além dos pequenos abrigos e grutas a que se encontravam associados, locais privilegiados de estacionamento de bandos de caçadores-recolectores paleolíticos. Não espanta, pois, que desde as pioneiras recolhas de Carlos Ribeiro sejam estes os locais que tenham fornecido a maioria dos artefactos recolhidos. O reconhecimento das características muito particulares destes levou BREUIL, VAULTIER e ZBYSZEWSKI (1942), impressionados pelo seu evidente arcaísmo em época já evoluída do talhe da pedra, a proporem uma designação nova para as indústrias em apreço: "Lusitaniano" e "Microlusitaniano" passariam, pois, a designar as indústrias paleolíticas de seixos afeiçãoados, desprovidas de bifaces que, de Leixões à costa algarvia se dispersam abundantemente pelas sucessivas praias levantadas, escalonadas ao longo do litoral: "*Ce ne sont, pour la plupart, que de simples galets oblongs segmentés à*

une extrémité par deux ou trois coups; rarement il y en a davantage".

De exclusiva recolha superficial, tanto em retalhos de depósitos da frente ocidental da península de Setúbal (Casal do Mocinho), como do litoral meridional — rechã de 50-70 m de Boca dos Robaleiros (vd. SERRÃO *et al.* 1974) e de 20-25 m do forte da Baralha — não se entrevêm evidentes variações tipológicas, dificultadas pela escassez das colheitas; é a simplicidade que domina, imposta pelas limitações da matéria-prima, correspondente invariavelmente a pequenos seixos quartzíticos.

Assim, o único elo que uniria grupos humanos responsáveis pela confecção de tão frustes utensílios, de há mais de 1,5 milhões de anos — na área interessada pela folha, representadas pelas jazidas de Perú, Arcos e Basteza da Mó (AZEVEDO *et al.* 1979) — até épocas relativamente recentes, situáveis no Paleolítico Médio, ou mesmo ulteriores, foi, tão-somente, o de terem recorrido às mesmas técnicas elementares para o fabrico de tais artefactos, forçosamente frustes (CARDOSO 1994).

As jazidas pré-acheulenses da Península de Setúbal são as únicas, além dos depósitos calabrianos a Norte da serra de Sintra, a disporem de elementos geológicos de interesse para a respectiva datação. Conquanto o número de artefactos seja muito inferior ao recolhido no litoral a Norte de Sintra, impossibilitando uma caracterização precisa da utensilagem, encontram-se presentes exemplares de talhe característico (CARDOSO 1996a: fig. 2, n.º 9 e 10; fig. 13), executados em pequenos seixos achatados de quartzito. Pelas características sedimentológicas dos depósitos respectivos, podemos admitir que os leitos conglomeráticos que constituem a Formação de Belverde (AZEVEDO 1982), representada na parte norte da folha, se tenham formado na confluência oceânica de vasto dispositivo flúvio-deltaico, formando vastas praias, onde os bandos de homínidos circulariam livremente, entregues sobretudo à recolha.

Atendendo ao movimento de subsidência que caracteriza a península de Setúbal, tais depósitos sofreram, ulteriormente à sua formação, assentamentos significativos, o que explica as altitudes máximas a que actualmente se encontram, entre 110 e 120 m, muito inferiores às verificadas na Seixosa, a Norte de Sintra (cerca de 150 m).

A relevância destas descobertas veio ainda a ser reconhecida por SERRÃO (1994), arqueólogo que, já nos inícios da década de 1970, tinha chamado a atenção para a importância da prospecção arqueológica dos depósitos de praias do Quaternário Antigo (SERRÃO e JORGE 1970-1971).

Assente na Formação conglomerática de Belverde, desenvolve-se espessa série de arenitos vermelhos com passagens conglomeráticas, essencialmente constituídas por seixos de quartzo deficientemente rolados: trata-se da Formação vermelha de

Marco Furado, cuja idade não poderá ser ulterior ao Vilafranquiano Médio (AZEVEDO 1982), a qual se encontra igualmente representada na área em apreço. Também ela forneceu diversos artefactos talhados recolhidos *in situ*, dos quais o mais representativo é uma grande lasca de quartzo, achada por A. Gonzalez perto do cemitério da Baixa da Banheira, já fora dos limites da folha (CARDOSO 1996a: fig. 18).

Na procura de explicações para a evidente sobrevivência tipológica destas indústrias sobre seixos no decurso dos tempos geológicos, devemos ter presente a hipótese de a ocupação sazonal do litoral por bandos de recolectores, que ciclicamente o procuravam, ter determinado, de alguma forma, a estagnação evolutiva observada. De facto, se não se pretendia mais do que a simples e fácil recolha de moluscos ao longo do litoral, numa dada época do ano, seriam dispensáveis artefactos mais poderosos e elaborados como os utilizados, pelos mesmos grupos, na caça. A aparente "paralisia da engenhosidade", invocada por BREUIL, VAULTIER e ZBYSEWSKI (1942) pode, simplesmente, dever-se a uma inteligente adaptação à pouco exigente vida no litoral, bastando para tal a recorrência a artefactos de ocasião.

Não se pretenda, pois, atribuir à aparente homogeneidade tipológica destas indústrias de seixos simplesmente talhados da região em apreço, uma homogeneidade e significado cronológico-cultural que, efectivamente, não possuem.

Com base nos mesmos suportes líticos, foi possível o talhe de instrumentos sobre lasca, como os recolhidos em grande abundância na gruta da Figueira Brava, antes referidos, os quais se podem relacionar com actividades mais especializadas, como a da caça.

3. O Paleolítico Superior e o Epipaleolítico

Neste capítulo inscrevem-se as indústrias de base macrolítica de tipo languedocense, essencialmente de idade epipaleolítica. Isto mesmo foi evidenciado no litoral baixo-alentejano; que possuam em tal época e lugar significado cultural pleno, também parece pacífico, uma vez que, correspondendo embora a acampamentos temporários e talvez de carácter sazonal, está já suficientemente conhecida a economia, modo de vida e relações estabelecidas com o meio circundante pelas respectivas comunidades que as fabricavam. No quadro destas indústrias sobre seixos, avultam determinados caracteres tecno-industriais e tipológicos, a saber (CARDOSO 1985):

— no concernente à técnica de lascamento evidenciam-se os artefactos com levantamentos muito inclinados, frequentemente sobrepostos, dando às zonas trabalhadas aspecto escamoso (talhe em "gradin");

— no concernente à tipologia, trata-se essencialmente de indústrias de seixos unifaciais, transformados em utensílios maciços de gumes espessos e fortemente convexos, frequentemente com intensos sinais de utilização. Na terminologia de Breuil e Zbyszewski, trata-se essencialmente de seixos raspadores, de raspadores em "D", e de raspadeiras nucleiformes, a que se associam os discos talhados em toda a periferia e as lascas, retocadas ou não, cuja real importância no conjunto destas indústrias ainda não foi cabalmente esclarecida.

Na área em apreço, recolhas não selectivas e cuidadosas permitem associar às peças nucleares um conjunto de utensílios sobre lasca, de sílex branco ou cinza e muito homogêneo, de origem não local, incluindo, entre outros artefactos, furadores, entalhes, denticulados, núcleos de tendência prismática de lascas e lamelas, buris de ângulo, raspadores unguiformes e lamelas de bordo abatido os quais definem um conjunto de aspecto azilóide (SILVA e SOARES 1986).

A caracterização que se acaba de apresentar é útil para melhor compreensão do significado das peças languedocenses recolhidas na região. Efectivamente, das 528 peças descritas por BREUIL e ZBYSZEWSKI (1945) provenientes da fachada ocidental da península de Setúbal, 482 são languedocenses. Trata-se de materiais de exclusiva recolha superficial, embora por vezes se encontrem embalados em areias eólicas modernas. Particularmente abundante revelou-se a região do Casal do Mocinho. Para Norte, nas imediações da Foz da Fonte, estas indústrias ocorrem junto à frente da arriba marinha, apresentando sempre arestas vivas ou ligeira pátine eólica. Nas imediações da lagoa de Albufeira recolheram-se também algumas peças deste tipo, correspondendo invariavelmente a achados isolados.

Entre Fonte da Telha e Mina de Ouro, e ao longo do topo das arribas marinhas, assinalou-se a ocorrência de fundos de cabana e de lareiras, desta época ou posteriores, infelizmente não explorados (ZBYSZEWSKI *et al.* 1965), cuja localização se perdeu.

4. O Neolítico

As primeiras manifestações neolíticas referenciadas na área em apreço ascendem ao Neolítico Antigo Evolucionado (2ª metade do V Milénio a.C., ou inícios do seguinte): trata-se de um povoado identificado em Fonte de Sesimbra (SOARES, SILVA e BARROS 1979). Embora não se tenham feito escavações, a aparente concentração de materiais em determinados sítios aponta para a existência de fundos de cabana, em encosta suave e desprovida de condições naturais de defesa, como é habitual em ocupações desta época. Outra zona que atesta este tipo de ocupação é a vasta plataforma de Pinheirinhos (SILVA e SOARES 1986: fig. 26), bem como o sítio de Amieira

(CARDOSO 1992a): a colina suave e de substrato arenoso onde se implanta a estação quadra-se bem nos contextos da mesma época conhecidos ao longo do litoral baixo-alentejano. A larga predominância dos resíduos de talhe sobre os artefactos e, nestes, a expressão dominante dos núcleos (sempre de lascas) sugere uma jazida com características oficinais, atendendo às recolhas não selectivas do material, onde os fragmentos cerâmicos são vestigiais. A quase totalidade do material é de sílex, não existente no local.

O interesse principal desta ocorrência, é o de demonstrar na região e no Neolítico Antigo, a existência de estações funcionalmente diferenciadas: ao povoado da Fonte de Sesimbra e à possível necrópole do estrato inferior da gruta natural conhecida por Lapa do Fumo, soma-se esta oficina de talhe, a qual sugere uma já complexa organização da ocupação e exploração do território.

A necrópole da Lapa do Fumo, sobranceira à escarpa meridional da Arrábida, a Oeste de Santana forneceu restos de dois vasos em forma de saco e com decoração de folículos impressos a punção que remontarão ainda a esta fase cultural (SERRÃO 1975). Porém, não se ignora que tais motivos decorativos, recorrendo à mesma técnica, perduraram na região até ao Neolítico Final: disso são prova os restos exumados no povoado de altura do Alto de S. Francisco, entre Vila Fresca de Azeitão e Cabanas, investigado por C. Tavares da Silva e J. Soares (SILVA e SOARES 1986).

A procura de sítios altos e com condições de defesa, como a colina em referência, testemunha a crescente necessidade de protecção sentida pelos ocupantes da região, decorrente de uma economia agro-pastoril pela primeira vez com possibilidades de ser excedentária, proporcionando a acumulação de bens que careciam de defesa, os quais, por outro lado, propiciavam o desenvolvimento de actividades de carácter especializado, plenamente afirmadas no Calcolítico.

É ainda ao Neolítico Final que devem reportar-se as grutas artificiais (hipogeus) da Quinta do Anjo, utilizadas por sucessivas populações que ocuparam a região durante quase mil anos. Possuem um corredor, precedido de vestíbulo, desembocando numa grande câmara circular, munida de "clarabóia". As quatro grutas identificadas no século passado foram objecto de importante monografia (LEISNER, ZBYSZEWSKI e FERREIRA 1961).

Na área interessada pela folha, importa ainda citar duas importantes necrópoles que forneceram numeroso espólio arqueológico e osteológico. Trata-se da já referida Lapa do Fumo e da Lapa do Bugio, igualmente uma gruta natural aberta no topo da encosta meridional da serra, junto à povoação de Azóia de Baixo, cujo espólio foi objecto de estudo de conjunto (CARDOSO 1992b).

5. O Calcolítico

No decurso da primeira metade do III Milénio a.C., a forma de povoamento dominante na região correspondia a aglomerações de cumeada, de que se conhecem alguns excelentes exemplos. A provável fortificação de alguns deles, como o povoado da Rotura (remontando a fase precoce do Calcolítico Pleno) e o de Chibanés (Palmela), demonstra o clima de instabilidade e competição inter-grupos que caracterizaria na região quase todo o III Milénio a.C. Naquele povoado desenvolver-se-ia uma metalurgia do cobre, expressivamente representada, entre outros artefactos, por diversos anzóis, que serviriam para a pesca no estuário.

Por outro lado, continuaram a ser utilizadas como necrópoles as duas grutas naturais já referidas, além dos hipogeus de Palmela, como bem documentam algumas notáveis peças calcárias, de índole ideotécnica, oriundas especialmente da Lapa do Bugio as quais corporizam a existência de influências culturais do mundo mediterrâneo, a começar pela própria matéria-prima utilizada (o calcário), tão apreciada, na mesma época, no Mediterrâneo oriental para a confecção de artefactos de idêntico cariz.

O Calcolítico Inicial, datado no povoado pré-histórico fortificado de Leceia (Oeiras) entre cerca de 2800 e 2600-2500 a.C. (CARDOSO e SOARES 1996), encontra-se bem representado no povoado do Pedrão, sobranceiro ao estuário do Sado. Ali foram encontradas cerâmicas características desta fase cultural, como os bem conhecidos copos com decoração canelada (SOARES e SILVA 1975).

O Calcolítico Pleno, por seu turno, apresenta-se muito bem documentado pelas cerâmicas, igualmente com as decorações características em “folha de acácia” e “crucíferas”, exumadas no povoado da Rotura (COSTA 1908; SILVA 1971; GONÇALVES 1971), especialmente aplicadas a vasos globulares, considerados de armazenamento.

A abundância destas formas sugere que a acumulação de excedentes de produção agro-pastoril se terá acentuado nesta fase, a qual corresponde ao florescimento de actividades produtivas relacionadas com a plena afirmação da chamada “Revolução dos Produtos Secundários”.

É também nesta fase que se terá afirmado a metalurgia do cobre, bem documentada na Rotura, sobretudo através de rica colecção de anzóis, que evidenciam a importância das actividades piscatórias.

A recollecção de moluscos seria também importante na dieta alimentar das populações ribeirinhas deste período: disso é prova a grande abundância destes restos na Rotura, povoado que então dominaria vasta enseada estuarina, formada por braço do rio Sado hoje completamente desaparecido.

É neste contexto que ocorrem as primeiras cerâmicas campaniformes, as quais, depois de período de coexistência com os tipos anteriores, característicos do Calcolítico Pleno, se afirmam plenamente nos níveis superiores do povoado da Rotura (SILVA 1971), onde predominam, segundo o referido autor, os vasos campaniformes do Grupo Internacional; neste, a forma mais característica é a do vaso em forma de campânula invertida, decorado a ponteadado por bandas paralelas preenchidas interiormente. A explicação avançada é a de terem sido os povoados que conheceram o auge no período imediatamente anterior, aqueles que primeiramente foram ocupados pelos portadores ou utilizadores deste novo tipo de recipientes, os quais, no contexto das cerâmicas campaniformes, são considerados os mais antigos.

Das mútuas influências recebidas das cerâmicas calcolíticas preexistentes e a elas transmitidas, surgiu um grupo de características próprias, cuja forma mais típica é a grande taça de lábio aplanado e decorado. Foi nos hipogeus de Palmela que se recolheram, aquando das explorações ali efectuadas por ordem de Carlos Ribeiro, os primeiros exemplares de tais recipientes, os quais ficaram conhecidos por “taças de Palmela”, ao mesmo tempo que certas pontas de cobre, de seta ou de dardo, receberiam, pela mesma razão, a designação de “pontas de Palmela”. A mescla de elementos da cultura material de origens distintas evidencia uma das realidades mais marcantes das cerâmicas campaniformes, cujo verdadeiro estatuto como marcadores sócio-culturais e cronológicos na região do Baixo Tejo e Baixo Sado ainda está longe de se encontrar esclarecido.

Neste período, são reocupados os povoados do Pedrão — abandonado desde o Calcolítico Inicial, aquando da ocupação do vizinho morro da Rotura — e o do Moinho da Fonte do Sol (SOARES, BARBIERI e SILVA 1972), enquanto outros, como o das Malhadas, são pela primeira vez ocupados (SILVA e SOARES 1986: fig. 68), correspondente à presença isolada do Grupo campaniforme de Palmela. Os materiais exumados apontam para uma evidente prática recolectora no estuário, complementada pela caça, pela criação de gado e por agricultura, pouco importante; a metalurgia do cobre encontra-se, ao contrário, bem representada pela presença de cadinhos de fundição e de resíduos.

Verifica-se a continuação do aproveitamento sepulcral de certas grutas naturais, como as Lapas do Fumo e do Bugio, para além dos hipogeus de Palmela, conforme evidenciam as cerâmicas campaniformes exumadas, e onde são agora numerosos os exemplares incisos, que corporizam o terceiro e último grupo da classificação de SOARES e SILVA (1974-77): trata-se do Grupo Inciso, consubstanciando uma transição paulatina e sem sobressaltos para a Idade do Bronze.

6. A Idade do Bronze

O abandono dos povoados de altura, na região de Setúbal, afirma-se plenamente na Idade do Bronze. Tal facto deverá ser interpretado no âmbito da evolução económico-social verificada na região estremenha. Do Bronze Final são dois machados e uma foice de talão, de bronze, encontrados em Alfarim e Pedreiras (Sesimbra) (SERRÃO 1966). A foice corresponde ao chamado "tipo Rocanes", de produção local ou regional, como indica a presença de molde de pedra para fundição deste tipo de artefactos encontrado em Rocanes (Sintra). Tal facto evidencia a importação de minérios de cobre e de estanho por parte dos habitantes da região estremenha, permutados por matérias-primas aqui produzidas, com destaque para as de carácter agrícola (cereais): assim se explicam tais alfaias agrícolas, que substituíram no final do Bronze Final, as suas homólogas líticas (CARDOSO 1995).

Os factos referidos evidenciam o desenvolvimento tecnológico e económico destas populações, estreitamente relacionável com sociedade já complexa e estratificada socialmente. Exemplo frisante desta nova realidade é o monumento funerário da Roça do Casal do Meio (Calhariz), construção que evoca os *tholoi* micénicos dos quais é em parte contemporânea, visto poder situar-se na viragem do II para o I Milénio a.C. Trata-se de construção possuindo longo corredor, comunicando com uma câmara circular com cobertura em falsa cúpula, envolvida do lado externo por corredor, delimitado por muro de ortóstatos que envolve todo o monumento (SPINDLER e FERREIRA 1973). Esta complexa construção servia de túmulo a dois indivíduos do sexo masculino, talvez pertencentes a uma classe sacerdotal em crescente afirmação: não obstante ser evidente a sua alta categoria — atestada por objectos ditos de prestígio, como um soberbo pente de marfim, fíbula de enrolamento no arco e pinças de bronze — dela se encontravam totalmente ausentes quaisquer armas. Aqueles artefactos encontram-se frequentemente representados em estelas de chefes ou guerreiros heroicizados do Bronze Final — de que é expoente o exemplar da Herdade do Pomar, Ervidel (GOMES e MONTEIRO 1976-77) — sublinhando o alto estatuto dos dois personagens inumados no monumento, o qual revela características até ao presente únicas em território português. Trata-se, sem dúvida, de algo totalmente novo e de evidente origem exógena, talvez explicável pela presença de populações mediterrânicas aqui aportadas. Neste monumento recolheram-se também grandes recipientes de armazenamento, exibindo do lado externo as características decorações de "ornatos brunidos", produzidas por pontas rombas, provavelmente de madeira, constituídas por finas caneluras definindo motivos reticulados de natureza exclusivamente geo-

métrica. Este tipo decorativo foi identificado pela primeira vez na Lapa do Fumo (SERRÃO 1958), sendo característico do último período do Bronze Final (CARDOSO 1995, 1996b), com *terminus* aquando das primeiras influências orientalizantes, no século VIII a.C.

As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo — o conjunto mais importante até agora conhecido — seriam, deste modo, a expressão material, na região estremenha, do período proto-orientalizante caracterizado na Andaluzia. Corresponderiam a oferendas fúnebres ou, em alternativa, a deposições relacionadas com santuário rupestre, atendendo à dificuldade de se poderem relacionar com quaisquer sepulturas, a menos que estas fossem de incineração, hipótese que, embora carecendo de demonstração, é plausível.

À Idade do Bronze e a momento anterior ao Bronze Final, pertence o conjunto arqueológico exumado em gruta natural situada a escassas dezenas de metros da Lapa do Bugio — trata-se da Lapa da Furada — onde se realizaram recentemente escavações, cujas principais conclusões foram já publicadas (CARDOSO 1993B, 1997; CARDOSO e CUNHA 1996).

7. A Idade do Ferro

A península de Setúbal situa-se entre duas vias de penetração privilegiadas — o Tejo e o Sado — na perspectiva da circulação e escoamento de matérias-primas oriundas do interior do território, susceptíveis de serem transaccionadas por produtos trazidos por comerciantes fenícios que, a partir do século VIII a.C. demandaram a região. O sucesso de tal empresa pode avaliar-se pela abundância da difusão daqueles produtos, especialmente cerâmicos, e dos seus sucedâneos, de origem púnica, a partir do século V a.C., reconhecidos em diversas estações situadas nos estuários e cursos inferiores daqueles dois grandes rios. No tocante à área que agora interessa, avulta o povoado de altura de Chibanes, primeiramente estudado por A. I. Marques da COSTA (1908), o qual evidenciou, além da já mencionada ocupação calcolítica, coeva da verificada na Rotura, uma outra, da II e III Idade do Ferro. Estas conclusões foram confirmadas e precisadas pela intervenção arqueológica ali presentemente em curso (SILVA e SOARES 1997). Foi então construído um importante povoado fortificado, cuja fundação não parece anterior ao século III a.C., ocupando longitudinalmente a crista da serra do Louro, com 300 m de comprimento. Os materiais importados, simultaneamente de origens meseténicas e mediterrâneas, evidenciam o papel polarizador deste sítio, no tocante às trocas comerciais então efectuadas, em estreita conexão com o estuário do Sado, a partir do século III a.C. até ao advento do Império Romano. Com efeito, pode admitir-se que,

mesmo no decurso do Período Republicano, o comércio continuasse em mãos púnicas, através da manutenção do importante centro comercial que era a cidade de Gades, pagando pesados tributos a Roma, cujo controlo político e administrativo da região era uma realidade desde meados do século II a.C.

A importância assumida pelo povoado fortificado de Chibanes a partir do século III a.C. deverá ser compreendida numa lógica regional e mesmo trans-regional; com efeito, até aos séculos V-IV a.C. o comércio marítimo, seria directamente assegurado pelo povoado da colina de Santa Maria, actualmente integrada no casco antigo de Setúbal, enquanto que posteriormente, nos séculos II-I a.C. afirmam-se paralelamente a Chibanes outros núcleos, como o Pedrão, em esporão rochoso sobranceiro ao Sado, e o Castelo dos Mouros, nos quais os produtos de origem púnica se mesclam, como em Chibanes, com materiais itálicos, especialmente ânforas vinárias, configurando uma última etapa da Idade do Ferro, a qual, tal como as anteriores na região, mantém estreitos os laços ao mundo meridional e mediterrâneo.

Uma das actividades principais, de índole industrial, nesses derradeiros momentos da Idade do Ferro consistia já na produção de salgas de peixe, na zona ribeirinha do vasto estuário, destinadas essencialmente, como viria a acontecer ulteriormente, em pleno domínio romano, à exportação para o mundo itálico, que, como se disse, controlava desde meados do século II a.C. os mercados marítimos peninsulares.

São ainda de destacar as sepulturas de inumação da II Idade do Ferro do Casalão (Calhariz), constituídas por caixas rectangulares de lajes dispostas verticalmente, com outras, servindo de cobertura, as quais ofereceram escasso mobiliário funerário, entre o qual avulta uma pequena faca de ferro afalcatada (SERRÃO 1964).

8. O Período Romano

No Período Romano afirma-se plenamente a importância das actividades industriais relacionadas com a salga de peixe e seus derivados (*garum*), expressivamente registada em diversas unidades fabris pontuando a orla norte do estuário: o Creiro, no Portinho da Arrábida (SILVA e COELHO-SOARES 1987) a Comenda (COSTA 1905; SILVA e CABRITA 1964; GONÇALVES 1964), situada na confluência da ribeira do mesmo nome com o Sado, e a própria área urbana de Setúbal, onde se localizaram fábricas em dois sítios, a Praça de Bocage (SILVA e COELHO-SOARES 1980-81; CARDOSO 1980-81) e a Travessa de Frei Gaspar (SILVA, COELHO-SOARES e SOARES 1986), são os exemplos mais expressivos de tal realidade. Com-plementarmente, laboravam diversos fornos de produção de ânforas na mesma margem do estuário, como os da quinta da Alegria, a montante de Setúbal

(COELHO-SOARES e SILVA 1979), com produções entre a 2ª metade do século I d.C. e, pelo menos, o século IV. As ânforas ali fabricadas destinavam-se à embalagem e exportação, por via marítima, daqueles produtos piscícolas. Porém, é em Tróia, então constituindo uma pequena ilha arenosa, que a presença de tais fábricas assume aspecto notável, constituindo mesmo uma das grandes unidades industriais no Mundo Romano, no auge da sua existência, aspecto favorecido pela posição geográfica privilegiada daquele acidente costeiro, favorável ao desenvolvimento daquelas actividades.

A chamada península de Tróia é constituída por extenso corpo arenoso, estreito e muito alongado, que limita, a ocidente, a embocadura do rio Sado. Encontra-se referida na *Ora Maritima*, poema de Rúfio Festo Avieno composto em meados do século IV d.C., com base noutra poema grego do século I a.C. o qual, por sua vez, se teria baseado em périplo massaliota do último quartel do século VI a.C. Na parte relativa ao sector costeiro em causa, diz o seguinte (FERREIRA 1985: 22):

“... Em seguida, sobressai o cabo Cêmpico (o cabo Espichel). Mais adiante e subjacente fica a ilha que os habitantes chamam Ácala. É de difícil credibilidade o que se narra devido ao seu maravilhoso, embora não falte o testemunho dos autores a comprová-lo: *contam que, nos confins desta ilha, nunca o aspecto do mar é igual ao restante. Em todos os lugares existe nas ondas um esplendor e um brilho cristalinos sendo certo que nas profundidades do mar as águas apresentam uma imagem azulada. Aí porém o mar está sempre desfigurado por um lodo sujo, como lembram os antigos, e com a sujidade as águas tornaram-se espessas*”¹.

A descrição ajusta-se à embocadura do Sado. Apesar dos terrenos serem uniformes na sua constituição geológica — trata-se de aluviões modernas — a existência de uma ilha, ali, foi de há muito admitida (ver especialmente VASCONCELOS 1905: 17-18 e CASTELO-BRANCO 1963). A presença de um “lodo sujo” é compatível com uma segunda boca do rio Sado, situada a sul da actual, então já em fase adiantada de assoreamento. VICENTE (1976: 69), em abono desta hipótese, descreve a micro-topografia da actual península. Assim, o canal da Comporta encontra-se separado do Oceano apenas por uma faixa de areia com pouco mais de 500 m de largura. Ter-se-ia, deste modo, formado uma restinga, pela progressão das areias, de Sul para Norte, responsável pela junção da antiga ilha ao continente, com o conseqüente assoreamento da ligação meridional do rio Sado ao Oceano. Esta hipótese é concordante com o sentido do actual transporte sólido litoral, muito nítido pela observação de fotografias aéreas tiradas a intervalos espaçados.

A confirmação de tais observações ficou recentemente reforçada pela escavação de diversas esta-

¹ A itálico, trechos originais do périplo; a redondo, interpolador grego do século I a.C. e Avieno.

ções neolíticas situadas na zona da Comporta. Com efeito, as areias de praia sobre a qual se sediaram diversas comunidades, essencialmente recolectoras, no decurso do IV milénio a.C., possuem nítidas características marinhas, facto incompatível com a sua actual posição na periferia dos sapais do Sado (SILVA *et al.* 1986).

A estação romana de Tróia foi inicialmente ocupada na segunda metade do século I a.C., atingindo os derradeiros materiais exumados o século VI da nossa era. O apogeu da cidade industrial ter-se-á verificado nos séculos II e III d.C. A zona de maior concentração de estruturas e materiais estende-se por cerca de 1 km do litoral fluvial da península, encontrando-se ainda em grande parte sob as areias.

Trata-se de um dos mais notáveis complexos industriais do Mundo Romano dedicados a uma actividade especializada: a preparação de produtos derivados do pescado. Para o efeito, construíram-se diversos núcleos fabris, constituídos por tanques de salga correspondentes, provavelmente, a outras tantas sociedades (ALMEIDA, PAIXÃO e PAIXÃO 1978-79).

Tanques mais pequenos destinaram-se à preparação do *garum*. Tanto o peixe salgado como este condimento, muito apreciado pelos Romanos, seriam exportados em larga escala, por via marítima, em ânforas fabricadas em diversos fornos existentes na margem direita do estuário do Sado, alguns anteriormente referidos.

São diversos os cemitérios já identificados e parcialmente escavados, bem como diversas são as tipologias das sepulturas e os ritos funerários (inumação e incineração). O mais importante, com 7 m de potência estratigráfica, possuía tumulações dos séculos II, III, IV e da Alta Idade Média (SOARES 1980). O centro religioso parece corresponder ao local onde, mais tarde, se edificou capela paleocristã. Atesta-o, sobretudo, belo fragmento de políptico com a representação de Mitra e do Deus Sol. Ali teria o seu templo, o *Mitraeum*. A tipologia das sepulturas de um dos cemitérios é única (ALMEIDA, PAIXÃO e PAIXÃO 1978).

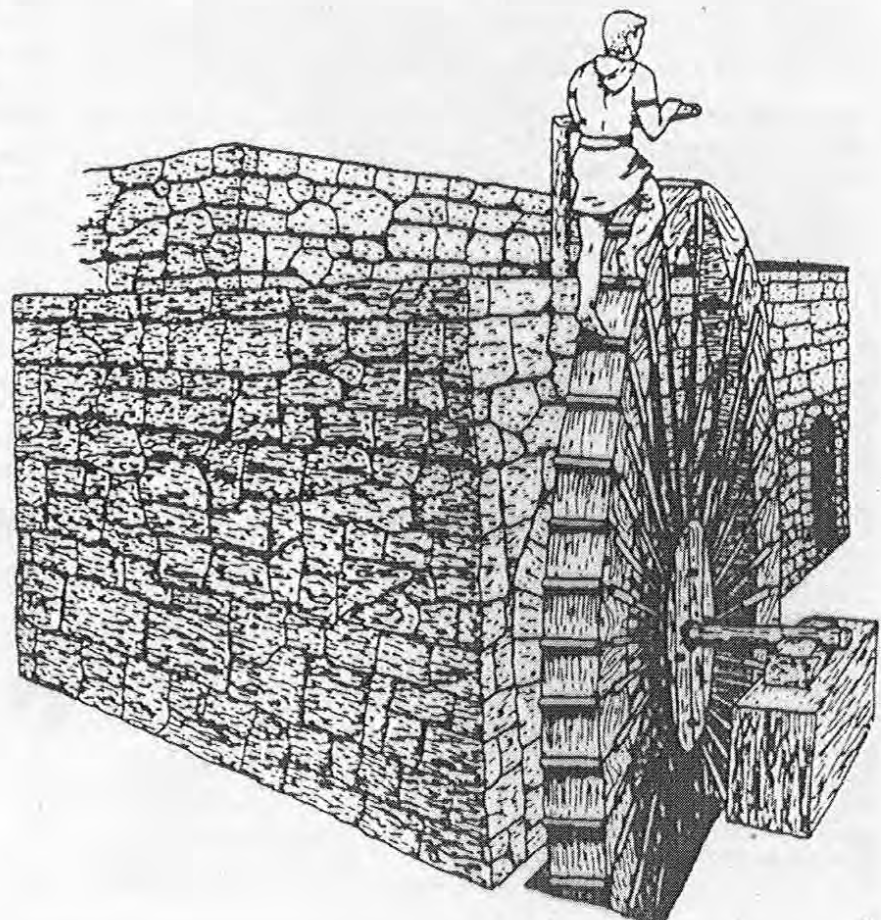
Perto, situa-se uma estrutura hidráulica de captação, armazenamento e distribuição de água (fig. 3), destinada à laboração fabril, cujas características são também únicas no território português (QUINTELA, MASCARENHAS e CARDOSO 1993-94).

Do lado oposto do grande estuário, em pleno casco urbano da cidade de Setúbal, na rua de Fran Paxeco, recolheram-se no ano de 1957, aquando da realização de obras camarárias, duas ânforas, contendo na totalidade 18 181 moedas de bronze do Baixo Império, exaustivamente estudadas e publicadas (FERNANDES 1995). Trata-se do mais notável conjunto até ao presente conhecido no Mundo Romano desta época. Com efeito, o vol. VIII do *Roman Imperial Coinage* (1983. Londres: Seaby), menciona apenas três com mais de 10 000 moedas, dos quais o mais numeroso não atinge o número das presentes neste tesouro o qual, aliás, contém exemplares extremamente raros (de Nepociano e Vetrânio, entre outros), além de numerosas variantes inéditas.

Devem mencionar-se ainda os dezasseis cepos de âncoras de chumbo e os três de pedra encontrados no Mar de Ancão, Sesimbra, até 1973 (MAIA 1975). Tais achados testemunham a importante navegação litoral ao longo da costa da Arrábida, durante o Período Romano (podendo mesmo alguns cepos ser mais antigos), correspondendo o local a fundeadouro importante, mais do que a local de naufrágios (MAIA 1975; SERRÃO 1994).

Figura 3

Reconstituição provável da estrutura de captação, elevação e armazenamento de água de Tróia, Setúbal (QUINTELA, MASCARENHAS e CARDOSO, 1993-1994).



Pelo que foi dito, conclui-se que a presença romana na região em causa foi dominada pelas actividades industriais e comerciais, ambas de índole marítima. Com efeito, foi diminuta a ocupação agrícola do território, denunciada pela escassez de materiais e sua fraca relevância arqueológica — ver SERRÃO 1973, 1994, que apresenta a cartografia das estações romanas do concelho de Sesimbra; e COSTA 1907, que localiza as dos arredores de Setúbal (fig. 4); para as restantes, ver FERREIRA *et al.* 1993.

9. O Período Muçulmano

Se o período visigótico não deixou testemunhos evidentes na área em apreço — ainda que os materiais paleocristãos de Tróia, do século VI d.C. sejam coevos de tal presença — já os vestígios da presença mourisca são evidentes e relevantes. O testemunho mais notável provém da Lapa do Fumo, onde recorrentemente se têm encontrado moedas arábicas, correspondentes a várias dezenas de quirates almorávidas e a um dinar dos Abácidas de Sevilha (FIGANIER 1958; MARINHO 1968). Entre os primeiros, avultam exemplares de grande raridade,

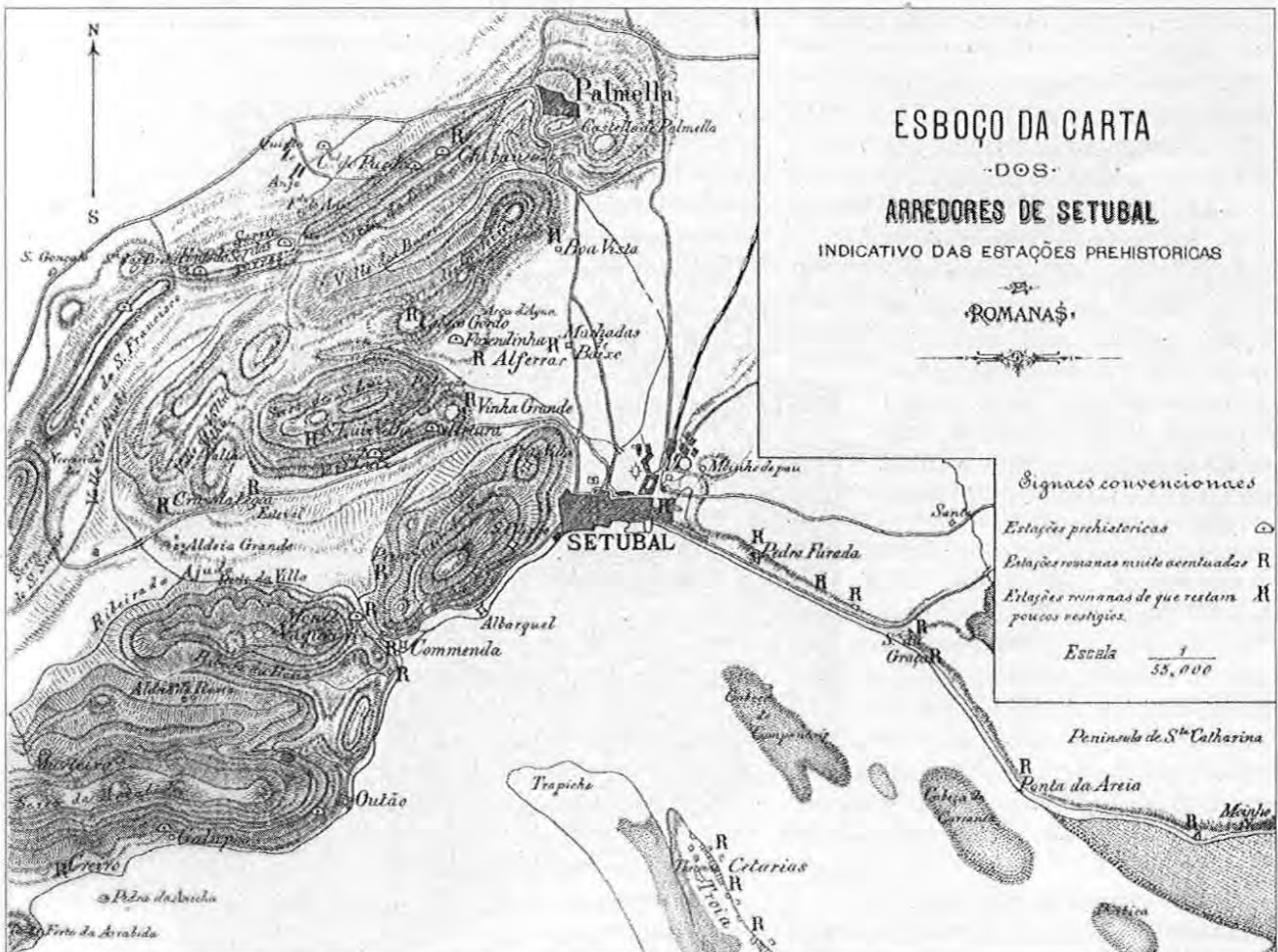
cunhados em Silves e um outro, ainda mais precioso, cunhado em Beja.

A ocorrência deste tesouro monetário em local ermo e seguro, prende-se directamente com a conturbada história da região, no decurso da segunda metade do século XII. Com efeito, a primeira conquista de Sesimbra pelos portugueses, datada de 1165, culminou período de sobressaltos e de instabilidade política, que teria justificado o ocultamento de tão valioso conjunto por parte do seu possuidor, tanto de cristãos como de adversários político-religiosos muçulmanos (SERRÃO 1994).

Com efeito, Afonso Henriques, depois da conquista de Lisboa em 1147, tomou Alcácer em 1158 e, no ano seguinte, Évora e Beja, a seguir perdidas mas que tomaram a mãos portuguesas em 1165 e 1162, respectivamente; neste contexto, facilmente se percebe a insegurança em que decorreria o quotidiano das populações muçulmanas de Sesimbra e de Palmela; provavelmente, o castelo de Sesimbra seria nessa época mais fortaleza do que propriamente lugar de povoação; foi de novo reocupado por Muçulmanos no decurso da invasão almóada de 1190-91, comandada por Almansor; os muçulmanos viriam, porém, a encontrar uma fortaleza totalmente arrasada

Figura 4

Carta arqueológica, de A. I. Marques da COSTA (1907), das estações pré-históricas e romanas do segmento oriental da Arrábida.



pelos cristãos (Rui de Pina, *Crónica de D. Sancho I*), sem interesse militar. Com efeito, só após a última reconquista, em 1200, se reedificou o castelo, desde os alicerces. Talvez por isso os testemunhos mouriscos sejam ali quase inexistentes, ou duvidosos.

Outros testemunhos da presença muçulmana têm sido identificados na área em apreço: cerâmicas na Lapa do Fumo (CARVALHO e FERNANDES 1996), no castelo de Palmela (FERNANDES e CARVALHO 1993) e no Creiro, Portinho da Arrábida, onde constituíram, curiosamente, os primeiros achados seguros deste período do concelho de Setúbal (SILVA e COELHO-SOARES 1987). No castelo de Palmela merecem destaque os importantes materiais exumados em recentes escavações (FERNANDES e CARVALHO 1993).

10. O Período português

São numerosos os restos cerâmicos medievais recolhidos no castelo de Sesimbra que, recentemente, têm sido dados a conhecer (CARVALHO e FERNANDES 1992; CARVALHO 1993, 1994); ali mesmo foi escavada a casa do respectivo alcaide e confrontada a descrição da residência com a planta levantada no terreno (JORGE *et al.* 1975). Existe estudo actualizado de inventariação e caracterização do património monumental e artístico sesimbrense (SERRÃO e SERRÃO 1997):

Também no vizinho castelo de Palmela se têm recolhido numerosos restos cerâmicos medievais portugueses, no decurso das intervenções arqueológicas ali realizadas, à semelhança do verificado na área urbana da vila (escavações de A. R. Carvalho e I. C. Fernandes).

Enfim, na área urbana de Setúbal, em escavações conduzidas por elementos do Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, recuperaram-se numerosos testemunhos medievais e renascentistas, em boa parte ainda inéditos (SILVA 1989). Tais factos salientam o interesse de execução de trabalhos arqueológicos em áreas urbanas ocupadas desde a idade Média, cujos resultados podem contribuir, de forma determinante, para o esclarecimento de aspectos de carácter histórico que, de outro modo, ficariam sem resposta ou permaneceriam de todo desconhecidos.



Bibliografia

- ALMEIDA, F.; PAIXÃO, J. C. e PAIXÃO, A. C. (1978) — “Um Tipo Raro de Sepultura Romana (Tróia)”. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1977)*. Lisboa: AAP. 1, p. 323-324.
- ALMEIDA, F.; PAIXÃO, J. C. e PAIXÃO, A. C. (1978-1979) — *Notas Sobre a Estação Arqueológica de Tróia de Setúbal*. Catálogo da exposição Tróia Romana. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.
- ANTUNES, M. T. (1990-92) — “O homem da gruta da Figueira Brava (ca. 30 000 BP). Contexto ecológico, alimentação, canibalismo”. *Mem. Ac. Ciênc.* Lisboa. 31: 487-536.
- ANTUNES, M. T.; CABRAL, J. M. P.; CARDOSO, J. L.; PAIS, J. e SOARES, A. M. M. (1989) — “Paleolítico Médio e Superior em Portugal: datas 14 C, estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão”. *Ciências da Terra*. Lisboa. 10: 127-138.
- ANTUNES, M. T.; CARDOSO, J. L.; KULLBERG, J. C. e LEGONHA, P. (1992) — “Paleolítico Médio em Galapagos: o enquadramento geológico e a ocupação humana na Arrábida”. *Ciências da Terra*. Lisboa. 11: 7-16.
- AZEVEDO, T. M. (1982) — *O Sinclinal de Albufeira. Evolução pós-miocénica e reconstituição paleogeográfica*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Lisboa, 302 p.
- AZEVEDO, T. M.; CARDOSO, J. L.; PENALVA, C. e ZBYSZEWSKI, G. (1979) — “Contribuição para o Conhecimento das Indústrias mais Antigas do Território Português: as jazidas com “Pebble Culture” da Formação de Belverde - península de Setúbal (Vilafranesiano Médio)”. *Setúbal Arqueológica*: Setúbal. 5: 31-45.
- BREUIL, H. e ZBYSZEWSKI, G. (1945) — “Contribution à l'Étude des Industries Paléolithiques du Portugal et de Leurs Rapports avec la Géologie du Quaternaire. II - Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage”. *Comunic. Serv. Geol. Portugal*. 26, 662 p.
- BREUIL, H.; VAULTIER, M. e ZBYSZEWSKI, G. (1942) — “Les Plages Anciennes Portugaises entre les Caps d'Espichel et Carvoeiro et Leurs Industries Paléolithiques”. *Anais Fac. Ciênc.* Porto. 27 (3): 161-167.
- CARDOSO, J. L. (1980-81) — “Escavações Arqueológicas na Praça do Bocage (Setúbal). Estudos sedimentológicos”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7: 285-294.
- CARDOSO, J. L. (1985) — “Pré-História da Península de Setúbal”. In *Livro-guia da excursão “Formações plio-quaternárias da península de Setúbal”*. 1ª Reunião do Quaternário Ibérico (Lisboa, 1985), p. 37-58.
- CARDOSO, J. L. (1986) — “Sedimentologia das Camadas da Base de Alguns Cortes Estratigráficos da Cidade de Setúbal. Esboço de reconstituição paleogeográfica neles baseada”. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 3: 161-168.
- CARDOSO, J. L. (1991) — “Sobre os Ídolos de Calcário ‘Pinhas’ do Calcolítico da Estremadura. Algumas considerações sobre dois exemplares da Lapa do Bugio (Sesimbra)”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 1: 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1992a) — “A Jazida Neolítica da Amieira (Sesimbra). Nota da sua identificação”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 2: 10-14.
- CARDOSO, J. L. (1992b) — “A Lapa do Bugio”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10: 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1993a) — *Contribuição para o Conhecimento dos Grandes Mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Oeiras: C. M. de Oeiras, 567 p.
- CARDOSO, J. L. (1993b) — “Primeira Campanha de Escavações Realizada na Lapa da Furada (Sesimbra)”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 3: 15-17.
- CARDOSO, J. L. (1994) — “O Litoral Sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 4: 5-12.
- CARDOSO, J. L. (1995) — “O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. 34: 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1996a) — “As Praias Calabrianas da Estremadura Portuguesa e as Primeiras Comunidades Peninsulares: o estado da questão. In *Actas das II Cursos Internacionais de Verão de Cascais (Cascais, 1995)*. 1, p. 213-254.
- CARDOSO, J. L. (1996b) — “O Bronze Final da Baixa Estremadura e as Cerâmicas de Ornatos Brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra)”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5: 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1997) — “A Cronologia Absoluta do Depósito Arqueológico da Lapa da Furada - Azóia, Sesimbra: seu significado e incidências rituais e culturais”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 6: 10-13.
- CARDOSO, J. L. e CUNHA, A. S. (1996) — *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: C. M. de Sesimbra, 59 p.
- CARDOSO, J. L. e RAPOSO, L. (1995) — “As Indústrias Paleolíticas da Gruta da Figueira Brava (Setúbal)”. In *Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico (Coimbra, 1993)*, p. 451-456.
- CARDOSO, J. L. e SOARES, A. M. M. (1996) — “Contribution d'une Série de Datations 14 C Provenant du Site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la Chronologie Absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l'Estremadura Portugaise”. *Révue d'Archéométrie*, Supplément 1996: 45-50.
- CARVALHO, A. R. (1993) — “Cerâmicas Medievais do Castelo de Sesimbra (II Parte)”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 3: 18-22.
- CARVALHO, A. R. (1994) — “Cerâmicas Medievais do Castelo de Sesimbra (III Parte)”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 4: 13-17.
- CARVALHO, A. R. e FERNANDES, I. C. (1992) — “Cerâmicas Esmaltadas e Vidradas dos Séculos XV e XVI, Provenientes do Castelo de Sesimbra”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 2: 15-21.
- CARVALHO, A. R. e FERNANDES, I. C. (1996) — “Algumas Cerâmicas Muçulmanas da Lapa do Fumo (Sesimbra)”. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5: 21-23.
- CASTELO-BRANCO, F. (1963) — “Aspectos e Problemas Arqueológicos de Tróia de Setúbal”. *Occidente*. 65, 100 p. (separata).
- CHOFFAT, P. e DOLLFUS, G. F. (1904-1907) — “Quelques Cordons Littoraux Marins du Pléistocène du Portugal”. *Comunic. Com. Serv. Geol. Portugal*. 6: 158-173.
- COELHO-SOARES, A. e SILVA, C. T. (1979) — “Ánforas Romanas da Quinta da Alegria (Setúbal)”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5: 205-221.